

## CONFERÊNCIA ECONOMIA SOCIAL - O TERCEIRO SECTOR

# Terceiro sector na frente de combate ao desemprego

Mais de duas centenas de participantes juntaram-se para partilhar ideias sobre a economia social em Portugal.

**Cristina Oliveira da Silva**  
cristina.silva@economico.pt

A importância do terceiro sector não se afere apenas pelo contributo que as organizações dão na vida dos seus destinatários. O papel da economia social no próprio combate ao desemprego também é expressivo e ainda mais notório numa altura em que o desemprego já ultrapassou, em Portugal, a barreira psicológica dos 10%.

Prova disso é o facto de a economia social já significar cerca de nove mil instituições e mais de 250 mil postos de trabalho. Já sem contar com as cerca de 18 mil colectividades que empregam 260 mil pessoas. Estes são valores que só conseguem traduzir uma parte muito pequena de um sector que põe as necessidades das pessoas à frente dos números.

A importância crescente da economia social foi o tema central da Conferência “Economia Social – o Terceiro Sector em Portugal”, realizada na sexta-feira com a organização do Montepio e do Diário Económico. Um debate que quis ser ponto de encontro de reflexões sobre um sector que ainda não assume práticas enraizadas de partilha de experiências, tão necessária ao reforço da acção em prol das pessoas, conforme afirmou o presidente do Montepio, António Tomás Correia. E o resultado foi animador: a sala do Sana Lisboa Hotel encheu com os mais de 240 participantes que quiseram dar o seu contributo.

Até porque os desafios são muitos. Eduardo Graça – presidente da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, a entidade que coloca no mesmo plano Estado e instituições da economia social – recordou alguns passos significativos nesse sentido, nomeadamente o facto de a economia social fazer parte da agenda política e de existir a abertura de “uma nesga” em



**António Tomás Correia**  
Presidente do Montepio

No domínio do terceiro sector, “não temos uma prática de partilhar experiências” essencial para reforçar “a acção em prol das pessoas. “Foi desta constatação que surgiu a ideia de patrocinarmos esta conferência”.

que o Estado passa a ser parceiro – e não tutela – das instituições de economia social. A criação de um Conselho Nacional para a Economia Social, que acompanha estratégias de desenvolvimento da economia social é outro exemplo de mais um passo na direcção certa.

### A importância das parcerias num sector de partilha.

Num fim de tarde marcado pela vontade de conhecer outras realidades, o testemunho de Ana Vale sobre a experiência EQUAL – a iniciativa europeia que luta contra as desigualdades no mercado de trabalho – também serviu para enriquecer o debate. Todos os projectos desta iniciativa tiveram de trabalhar em parceria e em situação de igualdade, explicou a gestora do Gabinete EQUAL, salientando que este é o primeiro grande desafio das organizações actualmente. Até porque nenhuma entidade consegue satisfazer, sozinha, todas as necessidades dos seus destinatários, avançou Ana Vale. Mas as dificuldades não ficam por aqui: visão estratégica, inovação e dimensão ética da acção são apenas alguns dos desafios que se impõem na prática das organizações. Neste último caso, Ana Vale salientou que há uma área “onde o défice é gritante” e que tem a ver com a desigualdade de género num sector fortemente feminizado, onde parte das competências são adquiridas de forma informal mas não são reconhecidas a nível salarial. ■



Participaram na conferência, da esquerda para a direita, Rogério Roque Amaro, professor do ISCTE, Ana Vale, gestora do Gabinete Equal, António Tomás Correia, presidente do Montepio, Francisco Ferreira da Silva, subdirector do Diário Económico, Maria Galdes, directora geral da Fundação da Juventude, Domingos Rosa, presidente da Fundação AFID e Eduardo Graça, presidente da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social.

## Organizações sociais

### A importância de criar valor que vai além do económico.

Poderão as IPSS funcionar como empresas? A pergunta deu o mote à apresentação de Rogério Roque Amaro, professor do ISCTE, e a resposta surgiu de várias ângulos. Um deles despertou a reacção da assistência, quando o professor explicou que tal questão pressuporia “que o funcionamento das empresas deve ser um exemplo”. “Isto é um mito”, acrescentou entretanto. Para Ro-

gério Roque Amaro, a gestão dos recursos humanos, as práticas salariais, a contratação irregular (por ser mais barata), a ligação com o ambiente e até os “níveis remuneratórios dos seus gestores, muitas vezes escandalosos” são alguns exemplos que, muitas vezes, tornam as práticas das empresas pouco exemplares.

E por isso mesmo, a pergunta chegou a ser colocada ao contrário: “Por que é que não podem as empresas funcionar como IPSS?”, questionou o professor, recordan-

PUB

### Conferência

## “ECONOMIA SOCIAL – O TERCEIRO SECTOR EM PORTUGAL”

em parceria:



# Montepio

**PONTOS-CHAVE**

▶ A avaliar pelo volume de emprego e pelo peso no PIB, a importância do terceiro sector vai muito além do contributo que as organizações sociais prestam aos “clientes”.

▶ O sector conta com nove mil instituições (sem contar com colectividades) e mais de 250 mil trabalhadores. Os últimos dados falam num peso equivalente a 4,2% do PIB.

▶ O facto de estas organizações já estarem viradas para a criação de valor social, cultural ou ambiental devia ser utilizado como referência para as empresas.

João Paulo Dias



## podem ser exemplo para as empresas

do que “já não estamos naquele ponto” em que a responsabilidade social das empresas passa apenas por gerar lucro para os accionistas, uma máxima de Milton Friedman. O que não quer dizer que as instituições da economia social não tenham algo a aprender com as empresas, salientou o especialista, recordando a importância de criar pontes, mas sem imitar.

Falando da sua longa experiência no domínio social, a Directora-Geral da Fundação da Juventude também recordou uma

“

**Já não estamos naquele ponto em que a responsabilidade social das empresas é gerar lucro para os accionistas.**

**Rogério Roque Amaro**  
Professor Associado do ISCTE

questão que se coloca frequentemente: como podem não dar prejuízo as instituições que supostamente não dão lucro? Em resposta, Maria Galdes recordou que estas organizações podem dar lucro numa lógica em que este volta a ser aplicado ao serviço dos objectivos da organização.

Durante a conferência, foram várias as vozes que sublinharam a importância de não subalternizar a importância de qualquer sector em detrimento de outro. Tal como a necessidade de criar valor

– valor que não pode ser apenas económico. Apesar de este conceito não poder ser aferido apenas em função do PIB – mas também de um ponto de vista social, cultural, ambiental ou de conhecimento – também não é fácil arranjar indicadores congruentes nesta matéria, avançou Roque Amaro. E isto mesmo comprovou Domingos Rosa, o presidente da Fundação AFID, uma fundação de solidariedade social no domínio da deficiência. Estando à frente de uma organização espe-

cífica com um papel importante no serviço ao cidadão, o responsável salientou essa preocupação que também é uma prioridade da instituição. A AFID, aliás, chegou a ser referenciada como um exemplo a seguir no final da conferência por um dos participantes que quis participar no debate. O tempo chegou a ser curto para tantas questões mas o balanço foi positivo, com várias vozes a destacar a importância da iniciativa para uma reflexão mais profunda sobre o terceiro sector. ■



**Ana Vale**  
Gestora do Gabinete EQUAL

“Grande parte [das organizações] destina-se a satisfazer necessidades sociais mas nenhuma consegue satisfazer todas essas necessidades sozinha”.



**Eduardo Graça**  
Presidente da Cooperativa António Sérgio

Existe hoje a “abertura de uma nesga em que o Estado deixa de se assumir como Estado-tutela para se assumir como Estado-parceiro”.



**Rogério Roque Amaro**  
Professor associado do ISCTE

Pensar que as IPSS devem funcionar como empresas “não faz sentido porque pressupõe que o funcionamento das empresas deve ser um exemplo. Isto é um mito”.



**Maria Galdes**  
Directora geral da Fundação da Juventude

“A autoconfiança” é “fundamental para vencer os desafios”. Tal como o “optimismo”, sobretudo “em momentos de crise”.



**Domingos Rosa**  
Presidente do conselho de administração da Fundação AFID

“Actualmente, temos cerca de mil pessoas” na Fundação AFID Diferença, contando com o atendimento de 200 pessoas com deficiência, 80 crianças e 140 idosos.

## CONFERÊNCIA ECONOMIA SOCIAL - O TERCEIRO SECTOR



Fotos: João Paulo Dias



1 Aspecto das mais de 240 pessoas que encheram por completo a sala de reuniões do Sana Lisboa Hotel para assistir à Conferência sobre a Economia Social, promovida pelo Diário Económico e pelo Montepio.

2 Vítor Vozzone Damião, presidente dos Invalídos do Comércio.

3 Pedro Libano Monteiro, do Montepio.

4 António Pimento e Álvaro Dâmaso, do Montepio.

5 Rogério Roque Amaro, professor do ISCTE, à conversa com Alberto Ramalheira, do Montepio.

6 Manuel dos Santos, da Associação Oliveirense de Socorros Mútuos, António Santos Reis, da Associação A Beneficência Familiar, e Eduardo Graça, presidente da Cooperativa António Sérgio.

7 Manuel Gerardo, presidente da Apoio, troca impressões com Artur Almeida e Silva, da Fundação Pão de Açúcar Auchan.

8 António Tomás Correia, presidente do Montepio, cumprimenta Maria Gerales, directora-geral da Fundação da Juventude.

9 Cardoso Martins, da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, em diálogo com José Murinha, do Montepio.

